



“Nunca sei se me sinto injustificada por ser mulher ou por ser negra”

Aos 19 anos, criou um movimento feminista na sua universidade e está a organizar uma conferência com a participação de enviados da ONU. É o He for She (ele por ela) Nova. E ela é Dussu Djabula.

FERNANDA CÂNCIO

“Os teus pais estavam bem quando te deram esse nome?”

A pergunta foi-lhe feita por um orador numa palestra a que assistia. A reação dos presentes dividiu-se: “Tendo em conta a sensibilidade cultural em geral, a maioria riu-se. Só alguns começaram a reclamar.” Ela, conta, ficou triste. “Fico a meditar sobre estas coisas. As pessoas acham que já não existe racismo. Mas vejo, por exemplo, que ficam chocadas com as minhas notas – por serem boas. E acham que sou especial porque “não sou como os outros.”

Os outros negros, bem entendido. Dussu Djabula, com 19 anos e no 2.º ano de Direito na Universidade Nova, é negra. Nasceu na Guiné-Bissau e vive em Portugal desde bebé. É portuguesa, como os pais. Durante parte do seu percurso escolar, foi a única negra nas turmas. E nunca teve um professor negro. “Até mo perguntar nunca tinha sequer pensado nisso. Habituo-nos. Por exemplo, pensando no assunto, não me lembro de ver um negro na TV a apresentar notícias ou num debate. As pessoas não

entendem o quão importante é para as minorias olhar para a TV ou para os cartazes dos partidos e ver negros. Não entendem o que é não ter representação. Ver negros ali, além do mais, faz-nos sentir que também podemos. Estou muito feliz por nestas legislativas terem sido eleitas mulheres negras.”

Até porque, explica, “não tem graça ser a primeira negra em tudo. Agora na Nova sinto-me melhor porque há muitos mais negros. São sobretudo alunos dos PALOP, creio”. Não tem graça ser a única, ponto. Chegou a ter colegas nas aulas, numa escola pública em Lisboa, a mandá-la para a sua terra. “Foi na turma que tive do 5.º ao 9.º ano. Calava-me. Até porque esperava que os professores dissessem alguma coisa.” Não disseram.

Confessa nunca ter contado essas experiências aos pais. “A minha mãe é copeira e o meu pai astrólogo, e são muito presentes. Apoiam-me muito. E tiveram de se habituar a que eu tenha passado de ser uma pessoa só focada nos estudos para alguém que só quer fazer ativismo. A minha irmã a seguir a mim – tenho três irmãos mais novos – vai pelo mesmo caminho. Adoro.”

“50% das pessoas estão mal informadas”

Terá, aliás, sido a necessidade de não só não se calar como de agir sobre as coisas que a fez decidir-se pelo Direito em vez da Filosofia,



SARA MATOS / GLOBAL IMAGEN

▲ Dussu Djabula criou um movimento feminista na Universidade Nova. Quer chamar a atenção para a discriminação que existe na sociedade.

apesar de ser uma habitual nas olimpíadas nacionais dessa disciplina.

O clique da passagem para o ativismo, porém, deu-se em fevereiro, “depois daquele surto de mortes de mulheres. Estávamos a falar de violência doméstica na aula de Teoria da Norma Jurídica e dos acordões que têm saído, e a professora disse que a lei não é necessariamente má, o problema está na aplicação, na prática. E isso deu-me

Periodicidade: Semanal
Classe: Informação Geral
Âmbito: Nacional
Tiragem: 23750

Temática: Sociedade²
Dimensão: 1870 cm
Imagem: S/Cor
Página (s): 22/23

“As pessoas não entendem o quão importante é para as minorias olhar para a TV ou para os cartazes dos partidos e ver negros. Não entendem o que é não ter representação.”

a força de querer tomar uma posição pública. Pus-me a pensar no que fazer e lembrei-me da campanha He for She [campanha/movimento da ONU lançada em setembro de 2014 pela atriz britânica Emma Watson e que visa tentar trazer toda a gente, a começar pelos homens e pelos rapazes, para a luta pela igualdade de género]. Resolvi entrar em contacto com o He for She Portugal, mandei-lhes um *e-mail* a dizer que queria trazer o movimento para a faculdade de Direito, e eles disseram que podia fazer o que quisesse”.

A seguir falou com a direção da faculdade, que lhe deu o OK. E começou o trabalho. “A maioria dos meus colegas não conhecia o movimento He for She, sabiam só que tinha que ver com a Emma Watson. E muita gente acha que já há igualdade, sobretudo as pessoas de Direito, porque acham que se está na lei, pronto. Mas obviamente existe uma falha entre o que está escrito e o que é feito.” Suspira. “E 50% das pessoas estão mal informadas, acham que o feminismo é um movimento pela superioridade. Há imensas raparigas a dizer que nunca sofreram discriminação. E eu digo OK, ainda não entrei no mercado de trabalho, não tive uma série de experiências.”

Será preciso entrar no mercado de trabalho para sentir o machismo e a discriminação de género? Dussu reflete: “Não. Claro

que não. Até na faculdade – como dizer-se que um professor dá melhor nota por levares decote.”

As dificuldades prosseguiram no processo de recrutamento. “Fizemos um formulário Google a explicar tudo, o que é o He for She e que equipas íamos formar, e mandámos um *e-mail*. Nos dois primeiros dias, só responderam raparigas.” Num movimento com o título ele por ela é um pouco irónico, não? “Acabámos por ter rapazes. Mas são cinco em 33 pessoas. É mais um She for She.” Ri-se. “E, sim, incomoda-me. Sei que não é necessariamente culpa minha, mas é contraditório e parece que estamos a passar a mensagem oposta à que queríamos passar.”

“Estou muito feliz mas assustada”

Serem muito mais elas do que eles, porém, não esmoreceu Dussu. “Somos 33 que se juntaram com um único propósito, o de que o He for She passe a fazer parte da cultura da Nova. Reunimo-nos nos cafés, por videochamada, na esplanada da faculdade de Ciências Sociais e Humanas [na Avenida de Berna] e a nossa sede é no *campus* de Campolide [onde fica a faculdade de Direito]. Começámos por pensar só na minha faculdade, mas apareceu tanta gente com tanto interesse que percebemos que queríamos que fosse para a universidade toda.”

Criaram uma associação – a He for She UNL – e veio a ideia de organizar eventos. “Vamos ter quatro só nossos – sobre mulheres na comédia, no direito, nas Forças Armadas e no desporto – com a estrutura de uma palestra, e uma grande conferência, durante dois dias, com patrocínios.”

A conferência, que ocorrerá em fevereiro, tem tido “ótimo *feedback* tanto por parte de convidados como de patrocinadores”. Conseguiram-nos da forma mais simples possível: “Fomos ao LinkedIn, pesquisámos e mandámos uma mensagem de apresentação. E as pessoas responderam: empresas como a EPAL e o BNP Paribas disseram que sim. “Em maio era uma ideia, em agosto tornou-se uma realidade. Não esperava isto, passou a ter proporções gigantescas. Estou muito feliz mas também assustada, porque é uma grande responsabilidade.”

A conferência vai ter a participação de dois enviados da ONU, do Gabinete contra a Droga e o Crime – “lidam muito com a violência com base no género” – e estão à espera da resposta do He for She. Entretanto, criaram uma associação, a He for She UNL.

No meio disto tudo, Dussu continua a tirar boas notas e trabalha em *part-time* num *call center*. “Como queria fazer Erasmus comecei a trabalhar para juntar dinheiro, sempre quis ser autossuficiente. Depois percebi que afinal não queria Erasmus, queria fazer o mestrado lá fora, mas dá-me jeito ter dinheiro para poder comprar os meus livros, fazer os cursos que quero e não ter de me preocupar com o pagamento de propinas.”

Para terminar, uma dúvida: tendo uma consciência tão clara da desigualdade em função da cor, porque decidiu criar uma associação para combater a desigualdade de género em vez dessa outra? “Não é que o racismo não seja relevante, porque o sinto. Mas sou impulsiva e tive aquele impulso por causa das mortes daquelas mulheres. E na verdade nunca consigo saber se me sinto injustiçada por ser mulher ou por ser negra.”